

EDITORIAL

UM CAMPO DE ESTUDOS EM FORMAÇÃO

Em número especial preparado em tempos de pandemia, que de todos vem exigindo sacrifícios e severidade, rebatidos com altas doses de paciência e criatividade, Criação & Crítica leva a termo este dossiê sobre a tradução da poesia e da narrativa árabe curta, fruto das pesquisas de dois grupos de estudo: o Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea e a *Tarjama*: Escola de Tradutores da Literatura Árabe Moderna.

A existência mesma dessas traduções, de onde partem os onze artigos que compõem o presente número da revista, é um indicativo da importância que os coletivos de tradução literária podem ter no País, coletivos esses que podemos chamar de “oficinas” nos termos como Rosemary Arrojo definiu já em 1986: um trabalho sobretudo de reflexão. Ao lado de alguns Programas de Pós-Graduação e uns poucos currículos da Graduação em Letras voltados à Tradução, as oficinas se mostram como um forte aliado do conhecimento sobre língua e literatura estrangeiras ao mesmo tempo em que promovem o saber prático sobre o uso do vernáculo em situação literária “compartilhada”, além de proporcionarem um conhecimento crítico sobre a literatura em língua portuguesa e a validação/mensuração de seu repertório para a recepção das culturas estrangeiras de modalidade escrita. Já sabemos que a recepção dessas literaturas passa necessariamente pelo modo como as apresentamos e representamos em nosso idioma e nosso sistema literário que é – todo ele – pura subjetividade. Afinal de contas, o êxito da recepção de determinada obra de um autor – ou quicá da totalidade de sua obra vista a partir da primeira que se traduz – depende do tradutor que mediou a recepção, ou do conjunto de fatores determinantes daquela mediação: o agente literário, o editor, o financiador, o revisor, o leitor, o crítico e, finalmente, o tradutor coletivo/individual que se ensaia numa oficina de tradução. Já não se trata do voto de fidelidade feito entre a tradução e a obra de onde parte, mas de como o objeto da tradução é percebido por todos os agentes envolvidos. A oficina de tradução, neste caso, coloca-se como representação em miniatura dessas relações em potencial imbrincadas no processo da tradução que sequer termina na obra publicada, apenas tem na publicação uma das estações de sua fortuna. Esse é, de certo modo, o tema que os coordenadores desses dois grupos desenvolvem no artigo que abre o dossiê: “Mão na massa! A prática da tradução coletiva”.

A produção poética no espaço da Palestina entre as décadas 1960-1980 é o tema dos próximos quatro artigos voltados a poetas nascidos um pouco antes ou um pouco depois da fundação do Estado de Israel em 1948, marco histórico percebido trágica e dolorosamente pelos palestinos não-judeus nos termos de uma “catástrofe”, expressa no árabe *Nakba*, e desde então assim narrado por parte da historiografia contemporânea (KHALIDI, 1992; PAPPÉ, 2006; MISLEH, 2017).

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Em “Folhas dispersas das oliveiras” – título alusivo a um dos primeiros livros de Mahmud Darwich (1941-2008) –, a tradução de Alexandre Facuri Chareti a três poemas de Jabra Ibrahim Jabra (1920-1994) e cinco poemas de Darwich é apreciada pelo tradutor com base em alguns dos “procedimentos técnicos de tradução” apresentados no Brasil por Heloísa Barbosa (1990) a partir das formulações pioneiras dos franco-canadenses Vinay e Darbelnet (1977). Do ponto de vista literário buscado em sua proposta de tradução gestáltica ao longo “Poema da Terra”, de 1977, do Darwich residente em Beirute, o tradutor atenta às “imagens multifacetadas, enredadas em uma voz que alterna entre o fluxo declamativo e estruturas de frases diretas com repetição anafórica”, pautadas numa poética que, a modo de Walt Whitman, “anuncia sua existência nas folhas da vegetação, nas pedras do caminho, no canto das meninas, e a tragédia que ocorre na Palestina passa sobre seu próprio corpo”.

Questões de gênero orientam a tradução de cinco poemas de Fadwa Tuqan (1917-2003) e Salma Jayyusi (1926-), focados por Renata Porpolov Costa no artigo “A poesia de resistência das mulheres palestinas”. Em sua prospecção tradutória, Costa procurou “manter a ideia de terra como mãe [...] e de terra como poder feminino” e, em vista de poemas em que determinadas cidades são percebidas como “mulheres”, ela evitou a literalidade na tradução, buscando alcançar a “expressão que pudesse trazer ao leitor de língua portuguesa uma tradução mais ligada ao significado do que à forma”.

A poesia quase prosa de Tawfiq Zayyad (1929-1994), Ahmad Dahbur (1946-2017) e Khairi Mansur (1945-2018), três poetas politizados com notável participação em jornais e revistas literárias que acolheram o movimento de resistência palestina, é tema da tradutora Beatriz Negreiros Gemignani no artigo “Poesia como expressão de solidariedade nacional e consciência política”. Em poemas “em sua maioria escritos em primeira pessoa do singular, de modo que o ‘eu’ subjetivo inclui as massas cujo sofrimento é sentido intensamente pelo poeta”, a falta de posses do cidadão vista como condição duradoura é buscada em sons nasais do texto em português que agudizam ao ouvido a noção de demora, “como em ‘canções’, ‘ombros’, ‘sonhos’, ‘mundo’ e ‘tamanho’, em oposição aos ecos produzidos por ‘autoria’ e ‘comida’, por um lado, e ‘tinteiro’ e ‘satisfeito’, por outro”.

A poesia de Samih Alqasim (1939-2014) e Mourid Barghouti (1944-), cujo relato autobiográfico *Eu vi Ramallah* a Casa da Palavra editou em 2006, é foco do último dos artigos sobre a poesia palestina, “Entre a ironia e o trágico”, de William Diego Montecinos. A ironia expressa na poesia muitas vezes descritiva de Barghouti guiou a tradução desse ensaio, colada assim mesmo à atmosfera temática e expressiva, ou ao “tom” de que nos fala o tradutor e pensador da prática da tradução Boris Schnaiderman, citado por Montecinos. A poesia trágica de Alqasim, por outro lado, aposta numa linguagem só de início apolítica, mas que termina em tom “melódico e aterrorizante”, nas palavras da já citada poeta Salma Khadra Jayyusi, cuja obra crítica inspira como um todo o Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea, de onde partem os textos objeto dos ensaios mencionados até este ponto.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

A modernidade da literatura árabe se deu em duas etapas. Na primeira, que vai do século XIX até as primeiras décadas do século XX, a poesia e a prosa retomaram, imitando ou inovando, o discurso de reconhecido esplendor que tanto marcou o Alandalus e Bagdá, como Damasco e a Península Arábica desde tempos pré-islâmicos. À medida que avança o século XX, marcado por experimentações de diverso tipo, poesia e narrativa atualizam-se e renovam-se definitivamente, afinando os passos com as correntes estéticas universais, da qual a poesia palestina que mencionamos são um exemplo. O romance e o conto conheceram um trajeto similar. O conto praticado na década de 1970, tema dos próximos quatro artigos da revista, reflete a força que teve a *qişşa sağīra*, “história curta”, gênero literário que tomou o nome e as características da *short story*. Os artigos focam a produção madura de autores nascidos entre finais da década de 1920 e inícios dos 1930. A geografia a que aludem os artigos indica, progressivamente, o movimento de irradiação que o conto teve nos países árabes: o Egito (foco do renascimento literário moderno) → a Síria → a Palestina/Jordânia → o Marrocos (ALLEN, 2003).

O artigo de Beatriz Negreiros Gemignani, “A expressão do absurdo existencial”, foca “A viagem”, conto de Yusuf Idris (1927-1991) de 1971, cujos efeitos linguísticos e literários a tradutora mantém “mesmo que não sejam muito comuns em língua portuguesa”. Daí a ordem sintática pouco usual de o verbo figurar no final da sentença, algo tão raro no árabe, padrão ou dialetal, quanto o é no português. Em outros momentos, a tradução de Gemignani guiou-se, explicativa, em busca da equivalência de sentidos aos tantos dialetalismos egípcios que invadem as falas do narrador fundidas nas falas de outras personagens, em fluxo de consciência. No artigo “A busca do impossível”, Júlia C. Rodrigues evita a exotização da linguagem lírica e alegórica do sírio Zakariyya Tamir (1931-), buscando uma tradução que mantivesse as ambiguidades do conto de 1973, “Uma mulher solitária”. O “Infeliz, de Arrahman Munif (1933-2004), publicado postumamente pela mulher do escritor nascido na Transjordânia, hoje Jordânia, é o foco da tradução anotada de Adriano Aprigliano, atual professor de Sânscrito da USP. O encontro de dois mundos irreconciliáveis, o do deserto e o da cidade, representa o olhar da modernidade ao passado. A impropriedade da vida no deserto aos olhos da urbanidade constitui uma tópica literária que marcou outro momento de inovação da literatura árabe, quando foi duramente acusada pelos cidadãos bagdalis do século IX, abertos à afluência de culturas refinadas. A retradução no Brasil do escritor marroquino Mohamed Choukri (1935-2003) é tema do artigo “Para além do pão nu” do professor da UFRJ Felipe Benjamin Francisco. Sua tradução de “A sandália do Profeta Maomé” é apresentação renovada do autor de *O pão nu* (Brasiliense, 1983), agora recepcionado diretamente do árabe por esse conto de 1972, no qual a “união entre o (suposto) sagrado e o profano revela, por meio da descrição realista predominante em seus trabalhos, a crítica contundente de Choukri à hipocrisia da sociedade”. A tradução de Francisco deixa à mostra a sobreposição de línguas característica da narrativa de Choukri, que cola ao árabe deste conto ecos do berber, do francês, do grego e do inglês, línguas que sublinham as falas de suas personagens pinçadas nos espaços decadentes da cidade real e imaginária, decadente mas cosmopolita.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

A escrita de mulheres contistas fecha o conjunto de ensaios e reflexões deste número especial da revista Criação & Crítica, voltado aos ofícios da tradução guiada. A escrita dos anos 1970 das poetisas precursoras Fadwa Tuqan e Salma Jayyusi tem nas contistas Leila Othman (1943-) e Hanan Al-Shaykh (1945-) duas continuidades importantes nas décadas seguintes, dentre uma exuberante linhagem de escritoras mulheres que vem até hoje. A kuwaitiana Othman tematiza “a aspiração feminina a cargos de poder em meio às hostilidades da sociedade árabe e as guerras do Golfo e do Líbano”. Mergulhada em tal cenário, a escrita num conto como “Os dedos do olhar”, de 1982, pode ser localizada na voz do narrador, imperativamente pensado como voz feminina. A chinelada quem leva é o obediente ao sistema: “Só ele... coitadinho... injustiçado... Por que não tinha um cargo alto, escritório chique e secretária?”. Esse é o objeto da reflexão tradutória de Pedro Martins Criado em seu artigo “Olhares e chineladas”, que procura “preservar ao máximo o estranhamento para o leitor e os recursos possíveis que constroem a atmosfera de ansiedade”. A escrita da libanesa Al-Shaykh é o tema do artigo de Jemima de Souza Alves “O que ele não deve saber dela”. A linguagem sexualizada no conto “O homem não deve saber disso”, de 1994, parece levar ambiguidade e inteligibilidade para a pauta do corpo feminino, marcado no árabe e no português pelo mesmo gênero do par amoroso, pensado ainda antes do encontro dela com ele. Foi preciso “arriscar a tentativa de criação de um novo efeito na língua de chegada” de modo a o inteligível não apagar o ambíguo.

Desejamos boa leitura a todos e bom proveito aos colegas tradutores, pesquisadores da tradução e estudiosos da literatura e das relações que ela gera. Agradecemos a cada um dos membros que passaram pelo GTPAC e pela escola *Tarjama*: por construirmos juntos uma história comum.